

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

PEDRO DAVID RIZZON DOS SANTOS

“EU VOS APRESENTO O SUPER-HOMEM (MORCEGO)”: UMA COMPARAÇÃO
ENTRE O *BATMAN*, DE FRANK MILLER, E O *ÜBERMENSCH*, DE NIETZSCHE.

PORTO ALEGRE

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

PEDRO DAVID RIZZON DOS SANTOS

“EU VOS APRESENTO O SUPER-HOMEM (MORCEGO)”: UMA COMPARAÇÃO
ENTRE O *BATMAN*, DE FRANK MILLER, E O *ÜBERMENSCH*, DE NIETZSCHE.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa -, pelo curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dr. Rita Lenira de Freitas Bittencourt

Coorientador: Prof. Leonardo Pogliá Vidal

PORTO ALEGRE

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Santos, Pedro David Rizzon dos

"Eu vos apresento o Super-Homem (Morcego)": Uma comparação entre o Batman, de Frank Miller, e o Übermensch, de Nietzsche. / Pedro David Rizzon dos Santos. -- 2018.

50 f.

Orientadora: Rita Lenira de Freitas Bittencourt.

Coorientador: Leonardo Pogliã Vidal.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Licenciatura em Letras: Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Batman. 2. Übermensch. 3. Nietzsche. 4. Quadrinhos. 5. Literatura Comparada. I. Bittencourt, Rita Lenira de Freitas, orient. II. Vidal, Leonardo Pogliã, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

Durante os meus anos de graduação tive muitas pessoas que me apoiaram e, por conta disso, foram fundamentais para a conclusão da minha jornada. Sem elas, acredito que não estaria escrevendo este trabalho e meu caminho seria muito mais tortuoso e desafiador.

Gostaria de agradecer a Deus, por ter colocado no meu caminho todos os desafios que eu superei e por ter me dado todos os amigos e entes queridos que me auxiliaram a superá-los. Sei que eu não pareço ser a pessoa mais religiosa que existe, mas a minha fé me leva onde eu vou.

Agradeço também aos meus pais, Flávia e Eurico, por estarem sempre presentes e, quando eu mais pensei em desistir, colocarem as mãos nos meus ombros, ou me abraçarem e me mostrarem todo o caminho que eu trilhei. Sem eles não teria sido possível.

Gostaria de agradecer aos meus irmãos, João e Raquel, por estarem ali. Quando eu precisava, eu parava o que estava fazendo para incomodá-los um pouco e isso sempre me ajudou a colocar as ideias no lugar.

Agradeço também aos meus dois orientadores Rita e Leo. Rita, muito obrigado por ter abraçado essa ideia aos 45 do segundo tempo e por ter aberto meus olhos para várias questões pertinentes neste trabalho. Leo, muito obrigado por todo o apoio e por “quebrar as minhas pernas” inúmeras vezes. Sem teus questionamentos, este trabalho não teria sido possível.

Meus amigos mais próximos Marcella, Dêner, Ismael, Thomas e Murilo. Muito obrigado por serem meus amigos. Eu não sou a pessoa mais fácil do mundo e mesmo assim, vocês estão sempre presentes quando eu necessito. Ao resto dos membros do famigerado LDZ, vocês sabem meu carinho enorme por vocês, mas meu acanhamento me impede de ser mais íntimo. Não sei explicar.

Luana e Carol, minhas amigas mais antigas, as quais eu tive a oportunidade de retomar o contato durante esse ano. Eu agradeço muito por vocês existirem e me aguentarem desde 2007.

Por fim, gostaria de agradecer a Hanna. Essa menina que me apoiou e acreditou em mim em todos os momentos. Sem o apoio dela eu teria desistido logo no início. Muito obrigado por todo o carinho, amor e paciência que teve e tem comigo. Sem ti, não teria sido possível.

“O super-homem é o sentido da terra. Que vossa vontade diga: seja o super-homem o sentido da terra!”

(Friedrich Nietzsche, *Assim Falou Zaratustra*, 2014)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo aproximar as semelhanças entre a *graphic novel* *O Cavaleiro das Trevas* de Frank Miller e a filosofia do *Übermensch*, apresentada por Zaratustra, na obra *Assim Falou Zaratustra* de Friedrich Nietzsche, relacionando os elementos da filosofia nietzschiana com o enredo e os personagens de Miller. Para isso, será feita uma leitura comparativa entre a obra de Miller e o prólogo da obra de Nietzsche, realizando assim uma aproximação entre ambas. O modo como o Batman se desenvolve na *graphic novel*, se tornando um símbolo para Gotham, comparado com o prólogo da obra de Nietzsche pode lançar alguma luz para como deveria ser o “*Übermensch*” de Nietzsche na sociedade atual, ao mesmo tempo em que aborda impasses políticos e culturais da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Batman. Friedrich Nietzsche. Frank Miller. Superioridade. *Graphic novel*. Filosofia.

ABSTRACT

The present work aims to bring together the similarities between the graphic novel *The Dark Knight Returns*, by Frank Miller and the *Übermensch* philosophy, presented by Zarathustra in the book *Thus Spoke Zarathustra*, by Friedrich Nietzsche, relating the elements of the Nietzschean philosophy and Miller's plot and characters. To do it, a comparative reading between Miller's work and the prologue of Nietzsche's book will be made, thus making the relation between them. The way Batman develops himself in the graphic novel, and become a symbol to Gotham city, compared to Nietzsche's work prologue may help to understand how Nietzsche's "*Übermensch*" should be in the current society, while, at the same time, it approaches political and cultural impasses of contemporary society.

Key-words: Batman. Friedrich Nietzsche. Frank Miller. Superiority. Graphic novel. Philosophy.

Sumário

1. Introdução.....	7
2. Nietzsche e o <i>Übermensch</i>	9
2.1. A descida de Zaratustra	9
2.2. Zaratustra e o <i>Übermensch</i>	10
2.3. Zaratustra e o Último Homem	13
2.4. O Equilibrista e o Palhaço.....	14
2.5. Os diferentes exemplos de homens e <i>Übermensch</i>	15
3. Frank Miller e o Morcego de Gotham.....	18
3.1. A narrativa	18
3.2. A cidade de Gotham.	19
3.3. O Batman.....	21
3.4. Os Antagonistas	23
3.4.1. Duas-Caras.....	23
3.4.2. O líder da Gangue Mutante.	25
3.4.3. O Coringa.....	26
3.4.4. Superman	28
4. A superioridade do Morcego.....	31
4.1. O homem comum na sociedade do Cavaleiro das Trevas.....	31
4.2. Os diferentes graus de superioridade em <i>O Cavaleiro das Trevas</i>	34
5. Considerações finais.....	45
Referências	48

1. Introdução.

A ideia de um tipo superior de homem tem permeado a humanidade por muito tempo. Na Grécia antiga, por exemplo, os povos tinham muitas histórias falando sobre homens superiores: os heróis clássicos Hércules, Aquiles, Odisseu e muitos outros. A bíblia, por outro lado, apresenta um mártir como o homem superior: Jesus Cristo, o filho legítimo de Deus. A filosofia moderna apresentou novos e diferentes conceitos, em diversas linhas de pensamento. Em 1883, por exemplo, Friedrich Nietzsche apresentou, em seu livro *Assim Falou Zaratustra*, a filosofia do *Übermensch*¹. E as histórias em quadrinhos, no final da década de 30 e início da década de 40 apresentaram ao mundo os super-heróis, os quais Reynolds chama de mitologia moderna (1994), pois, assim como os heróis clássicos seguem a sua jornada (CAMPBELL, 1997, p. 15), tais figuras o faziam também.

A ideia de superioridade do homem, e de um homem superior, me interessa desde a infância. Quando fui apresentado aos super-heróis, primeiro ao Superman e depois ao Batman, meu interesse por esses personagens foi imediato. O fato de que eles não eram apenas homens comuns, mas personagens que se destacam do restante da sociedade era simplesmente fascinante para mim. Eles eram criaturas que serviam apenas a justiça acima de tudo e que não tinham nenhuma falha.

Essa ideia, entretanto, se alterou quando Frank Miller publicou a *graphic novel* intitulada *O Cavaleiro das Trevas* (1986) e Allan Moore e Dave Gibbons publicaram a obra *Watchmen* (1986). De acordo com Meggs, no artigo *Why not rule the world? Nietzsche, the Übermensch and Contemporary superheroes* (2009), com o lançamento dessas duas obras os heróis passaram a ser desafiados por algo além do mal por si só, e foram obrigados a confrontar seus próprios ideais, fazendo, com isso, uma revolução no gênero (p.3). Isto é algo que não acontecia no seu status anterior de seres a serviço do bem e que sempre vencem o mal. Tais obras apresentaram heróis envelhecidos e com mais bagagem emocional, em sociedades em que o vigilantismo foi proibido, e os traumas e conflitos pessoais dessas personagens ficaram mais expostos ao leitor. Tais conflitos transformaram os heróis, que deixaram de ser puramente bons e terminaram por se tornar criaturas além do bem e do mal.

¹ No presente trabalho foi decidido usar o termo original em alemão, ao invés da tradução para o português “super-homem” de modo a não causar confusão com a personagem dos quadrinhos “Superman”, também citado no texto.

Na obra de Frank Miller é possível acompanhar Batman, uma personagem com o qual o público dos quadrinhos já estava familiarizado, estando mais velho, em torno dos 50 anos de idade. Ele está aposentado de suas atividades como vigilante da cidade e tentando lidar com problemas resultantes dessas atividades. Esse enredo torna a personagem muito mais humano para as pessoas e, portanto, muito mais relacionável e identificável com o público. Ainda assim, enquanto vemos a personagem muito mais humana, é possível notar como ele se tornou algo que está além da sua humanidade comum. Aqui a personagem é mostrada como algo que está além disso.

Tendo em mente que super-heróis são apresentados como homens superiores e que o Batman, embora não fosse apenas um homem comum – a personagem tem muito dinheiro e é muito inteligente – ainda tinha que ultrapassar a sua própria humanidade, por não possuir nenhum superpoder, é possível criar um paralelo entre a personagem da *graphic novel*, a ideia do *Übermensch* apresentada por Zaratustra em *Assim Falou Zaratustra* e o próprio Zaratustra. Como dito antes, em *O Cavaleiro das Trevas*, Batman está aposentado de suas atividades como vigilante e protetor da cidade de Gotham. Ele já está nessa condição há dez anos no momento que a história tem início. No prólogo de *Assim Falou Zaratustra*, Zaratustra está vivendo em uma montanha, isolado da sociedade, até que ele decide que é hora de descer a montanha e voltar para a sociedade para ensinar ao povo todo o seu conhecimento adquirido nesse tempo.

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma aproximação entre a *graphic novel* de Frank Miller e a ideia de superioridade apresentada por Zaratustra na obra de Nietzsche, mostrando como elementos da filosofia nietzschiana podem ser aplicados no enredo e nos personagens de Miller. Tal comparação apresentará uma possível interpretação da filosofia de Nietzsche, que pode ser útil para ajudar a entender o conceito da superioridade concebido pelo filósofo, de forma a tornar mais claro o entendimento de tal filosofia. Não menos importante, pode também auxiliar na compreensão da figura dos diferentes tipos de homens superiores e seus desenvolvimentos na literatura, com o passar do tempo. Ainda, ao realizar essa análise, será feita uma busca pela figura do *Übermensch* em ambas as obras, de modo a apresentar um possível interpretação sobre o que poderia ser tal figura.

2. Nietzsche e o *Übermensch*.

Em 1891 Friedrich Nietzsche lançou a obra *Assim Falou Zaratustra*, onde ele, através da personagem principal, Zaratustra, apresenta alguns elementos de sua filosofia para o mundo. No prólogo, o leitor é apresentado a Zaratustra, um filósofo que deixou sua pátria para viver em uma montanha, com sua cobra e sua águia, e gosta de viver na sua solidão. Por dez anos Zaratustra viveu na montanha, porém, nas linhas iniciais da obra, ao observar o sol nascer, o filósofo percebe que quer descer da montanha e voltar ao mundo dos homens (NIETZSCHE, 2014, p. 25). Em sua descida, o filósofo encontra-se com uma série de personagens que poderiam ser lidos como corporificações do sujeito de sua filosofia, o *Übermensch*, embora não sejam exatamente a ideia que Zaratustra viria a apresentar.

2.1. A descida de Zaratustra.

Na manhã em que vê o sol nascer, Zaratustra começa a falar com ele, fazendo um monólogo, onde conta ao astro e, conseqüentemente, ao leitor também, como tem sido sua rotina, vivendo na caverna no topo da montanha, e diz que o sol estaria farto de seu caminho se não fosse por aqueles que os esperavam. E, assim como o sol, Zaratustra já está cansado de sua sabedoria, e precisava de um público com o qual compartilhar sua luz. Em outras palavras, por dez anos Zaratustra viveu sozinho, porém percebe que adquiriu muito conhecimento e que necessita dividi-lo com outros. Para tanto, Zaratustra precisa descer a montanha e voltar à mesma sociedade que rejeitou anteriormente.

Assim, o filósofo desce a montanha e não vê ninguém em seu caminho, até que chega à floresta e encontra um velho. O ancião, que Zaratustra passa a considerar um santo, reconhece o filósofo como o caminhante que passou por ali dez anos antes para subir a montanha, e então, ao perceber que ele está indo em direção à cidade, questiona: “o que queres agora com os adormecidos?” (NIETZSCHE, 2014, p. 26). Quando Zaratustra responde ao velho que volta porque ama os homens e traz a eles um presente, o velho responde que toda a danação que sofreu – e o motivo de ter se isolado da sociedade e viver na floresta e no ermo – foi por amar demais aos homens. Esse isolamento fez surgir no ancião o sentimento de que os homens são criaturas imperfeitas, e que por isso não vale a pena amá-las. O amor aos homens, diz o ancião,

o aniquilaria por completo (NIETZSCHE, 2014, p. 27). O leitor, então, pode perceber no velho um oposto de Zaratustra. Enquanto Zaratustra se isolou para adquirir conhecimento – e ao isolar-se e juntar a sabedoria desejada, ele decide partilhar o que adquiriu ao longo dos seus anos de isolamento – o velho quer apenas louvar a Deus. Ao ouvir que Zaratustra tem um presente aos homens, o velho diz-lhe que não dê nada aos homens. “‘Não lhes dê nada’, disse o santo. ‘É preferível que tome algo deles e o carregues para eles – isso será o melhor para eles: se fizer bem a ti’” (NIETZSCHE, 2014, p. 27). Zaratustra ouve o velho falar sobre como ele louva a Deus, e então, quando se separam e cada um segue seu caminho, o filósofo diz para si mesmo: “será possível? Esse velho santo em sua floresta ainda não ouviu que Deus está morto!” (NIETZSCHE, 2014, pg. 27). Aqui é possível perceber diferentes aspectos da filosofia de Zaratustra. Ao declarar a morte de Deus, interpreta-se que a ideia do Deus judaico cristão – o qual as pessoas se apegavam na época – é algo ultrapassado. O homem deveria viver a vida na Terra como quisesse, sem se importar com a fúria de uma divindade que nem sequer existe. Nesse momento vemos que Zaratustra preza pela vida na Terra, sendo ateu. É importante mencionar esse momento pois, no momento em que o filósofo explica o que é o *Übermensch*, é notada uma pequena contradição com o discurso aqui apresentado por Zaratustra, e o que ele diz ser o *Übermensch*. Entretanto, o leitor ainda não sabe o que é o *Übermensch* até que Zaratustra chegue à cidade e explique ao povo que lá vive, em sua concepção, o que é esse ser.

2.2. Zaratustra e o *Übermensch*.

Tendo passado pela floresta, Zaratustra chega na cidade mais próxima. Lá, ele encontra um grupo de pessoas reunidas em uma praça e nesse momento o leitor entende pela primeira vez o que é, para Zaratustra, o *Übermensch*. Para o filósofo, o *Übermensch* é o próximo passo da evolução do homem. “O que é o símio para o homem? Uma zombaria ou uma vergonha dolorosa. E isso, justamente, deve o homem ser para o super-homem: uma zombaria ou uma vergonha dolorosa”. (NIETZSCHE, 2014, p. 28). Os homens deveriam procurar o seu caminho até o *Übermensch*. Segundo o filósofo, o homem, ou o estado de ser homem, é apenas uma ponte, um caminho de passagem que o homem deve seguir para o próximo passo

da evolução. Nas palavras do filósofo, o *Übermensch* – ou o super-homem – é o sentido da terra.

É possível perceber neste trecho, novamente, o amor que o filósofo tem pela terra e pelo mundo em que vive. Ao afirmar que o *Übermensch* é o sentido da terra e que o homem deve alcançar o seu nível superior, o filósofo, conseqüentemente, diz que o mundo deve ser conquistado pelo *Übermensch*. Ao ponderar sobre a morte de Deus, Nietzsche abre um assunto que já havia sido discutido muitas vezes. Entretanto, segundo Landim, no artigo *O SENTIDO DO ANÚNCIO DA MORTE DE DEUS PARA PENSAR A CRÍTICA NIETZSCHIANA AO CRISTIANISMO* (2015), enquanto Nietzsche anuncia a morte de Deus, ele acaba abrindo um vazio que precisa ser preenchido (LANDIM, 2015, p. 4). O sagrado já não é algo preenchido por um Deus, portanto, o homem pode vir a se tornar sua própria divindade. Isso é confirmado por Zaratustra ao exclamar

Outrora o sacrilégio contra Deus foi o maior de todos, mas Deus morreu, e com isso morreram também esses sacrílegos. O sacrilégio contra a terra é agora o mais terrível, e apreciar mais as entranhas do inescrutável do que o sentido da terra! (NIETZSCHE, 2014, p.28)

Em seus devaneios sobre o sentido da Terra, Zaratustra entrega sua visão do que deveria ser a humanidade. Seu conceito de superioridade vai além do homem e da sociedade em que está inserido. “O homem é deveras correnteza imunda. É preciso ser um mar para poder se tornar uma correnteza imunda sem se tornar impuro” (NIETZSCHE, 2014, p. 29). Ao denominar o homem como correnteza imunda, Zaratustra inclui a sociedade também nessa correnteza. O homem, segundo Zaratustra deve libertar-se da sociedade que o prende. O filósofo argumenta sobre o que são a riqueza, a razão e a virtude, tão importantes perante a sociedade, mas que, para ele, não passam de “deplorável bem-estar” (NIETZSCHE, 2014, p. 29). Para Zaratustra, no dia em que a humanidade se libertar da sociedade e suas regras, um novo passo em direção ao *Übermensch* terá sido dado.

O filósofo argumenta que o homem deveria viver para o seu ocaso, a sua decaída, e não ter um propósito além de fazer a vinda do *Übermensch*. Assim sendo, segundo Zaratustra, o ponto mais alto da vida que o homem poderia vivenciar seria o momento de seu maior desprezo (NIETZSCHE, 2014). Este trecho pode ser entendido

como o momento em que o homem vê o seu fim. Ele também vê que sua fortuna não passa de conforto desnecessário – vê que a sociedade o limita.

A concepção de Zaratustra – e por consequência a de Nietzsche – sobre o homem é a de que, ao ver que pode se livrar da sociedade, se deparando com seu fim, o homem estaria alcançando o status de super-homem, o *Übermensch*. Ou seja, o *Übermensch* seria aquele homem que se libertaria da moral da sociedade.

Os homens vivem para a sociedade, respeitando suas regras e costumes. Eles estão presos nas amarras dessa moral social. O que não se encaixa nessas regras não é aceito, mas, para Zaratustra, libertar-se dessa prisão deveria ser o sentido da existência do homem. Libertar-se faria com que o homem fosse além do seu estado de mortalidade e autopreservação, considerado fraco pelo filósofo, e faria com que o homem alcançasse um estado além do seu atual.

O *Übermensch* já não vive mais para a sociedade e não se importa com as suas falsas moral e justiça, nem com seus costumes. Ele faz o que acredita ser certo e bom para ele próprio. Esse ser não teme a morte, pois sabe que já nada existe após ela (ideia reforçada pela “morte de Deus” e seu contexto ateuísta). O *Übermensch* é, portanto, um ser que vive apenas para si, porque abdicou totalmente da sociedade. Zaratustra ainda o descreve como o ser que consegue suportar a sujeira que o homem causa sem se corromper, porque o dinheiro não o compra, o conforto não lhe importa e liberdade ele já possui. Pelo contrário, ao invés de ser corrompido, o *Übermensch* deixaria o homem se afogar em seu próprio desprezo (NIETZSCHE, 2014, p. 29).

O conceito de superioridade elaborado por Nietzsche na obra denota um homem que faz o que acredita ser certo, sem se preocupar com as possíveis consequências perante a sociedade, com o que possam vir a pensar dele, ou com o castigo eterno que é pregado pela moral cristã. Pode-se concluir, então, que, para Nietzsche, a religião, a moral e o igualitarismo limitaram o homem, impedindo-o de atingir seu verdadeiro potencial. Entretanto, ao atingir o estado de *Übermensch*, esses fatores já não o limitariam mais, o que faria com que este ser alcançasse um grau superior ao pré-existente, tornando-se superior ao homem em todos os aspectos.

Ao fim de seu discurso, porém, Zaratustra percebe que o povo já não o escuta e quer apenas assistir ao equilibrista que faria uma apresentação naquela praça. E ao perceber que estava sendo ignorado, Zaratustra decide que falar ao povo sobre o *Übermensch* não será possível. O filósofo entende que dizer ao povo qual era o seu

verdadeiro papel na terra – preparar o mundo para a vinda do *Übermensch* – não funcionou. Decide então que lhes contará sobre o último homem.

2.3. Zaratustra e o Último Homem

Zaratustra começa então o seu discurso sobre o último-homem. Este seria o último estágio antes de se alcançar o status de *Übermensch*, e seria também o mais difícil de todos. O último homem valorizaria a sua pequena vida na terra.

O filósofo afirma que os últimos homens seriam os mais longevos e “Adoecer e desconfiar é para eles pecaminoso” (NIETZSCHE, 2014, p. 33). O último homem, para Zaratustra, seria o ser que não viveria a vida com intensidade. O filósofo os denomina como os últimos homens porque eles se considerariam o fim da história. “Vem o tempo em que o homem não mais arremessará a flecha de seu anseio por sobre o homem” (NIETZSCHE, 2014, p. 33). Seriam estes os homens que se acreditariam já superiores ao resto, embora não fossem exatamente diferentes dos outros. Acreditar-se-iam tão superiores que já não quereriam mais evoluir, e repudiariam os que tentassem.

Esses últimos homens procurariam ainda viver a vida com o menor nível de tensão e intensidade possíveis. Deixariam as regiões que os desagradassem; precisariam de conforto para viver. Trabalhariam, mas apenas até o momento em que não ficassem entediados com sua tarefa. Distrair-se-iam com seus ofícios, mas seria exatamente esse o objetivo: distração. Não enriqueceriam e não empobreceriam. Ambas seriam atividades penosas demais (NIETZSCHE, 2014).

Pode-se entender que os últimos homens são os homens que se encaixam perfeitamente à sociedade. Tudo o que eles representam são os maiores “sonhos” – riqueza, saúde, virtude, moral e bons costumes – que a sociedade inspira para os homens. Todas as limitações impostas pela religião, moral e igualitarismo seriam respeitadas pelos últimos homens que, como mencionado anteriormente, viveriam a vida sem tensão, ainda que provassem de alguns desgostos, estes seriam poucos. “Há ainda querelas, mas a reconciliação vem logo – caso contrário, arruína-se o estômago” (NIETZSCHE, 2014, p.34). Esse pequeno gosto dos desprazeres seria apenas para que os últimos homens não ficassem entediados. Afinal, acima de tudo, eles honrariam a saúde, enquanto proclamariam que, por viver a vida dessa maneira, inventaram a felicidade.

Em outras palavras, esses homens seriam seres insignificantes e, ainda assim, arrogantes, que se acreditariam superiores aos homens, embora vivessem sob as mesmas amarras e limitações que estes vivem também. Não buscariam evolução ou liberdade de seu estado. Gostariam de viver assim. Acreditar-se-iam perfeitos.

Ao ouvirem de Zaratustra o que é o último homem, a população da cidade clama por ele. Querem o último homem. Alegam-se da possibilidade de sua existência. O leitor consegue perceber que a sociedade, aqui representada pelo povo da cidade, repudia qualquer ideia do *Übermensch*, pois não lhe serve alguém que pode simplesmente ignorá-la. O último homem, por outro lado, é o ápice do homem em sociedade. Ele coloca seu conforto acima de tudo e se diz perfeito. A julgar por este trecho da obra, de acordo com Nietzsche, isso é o que a sociedade busca. E nesse momento a obra apresenta o trabalho do equilibrista.

2.4. O Equilibrista e o Palhaço.

Para entreter o público, o equilibrista aparece, realizando o seu trabalho na corda bamba. Um palhaço surge então na plataforma que está atrás do equilibrista. Ele grita e avança rapidamente, em direção ao equilibrista, gritando para que ele siga adiante mais rápido. Segundo o palhaço, o equilibrista não passa de uma lesma, uma criatura lenta que está atravancando seu caminho (NIETZSCHE, 2014, p. 35).

Aqui o leitor pode ver exatamente o que é a interpretação do *Übermensch* em relação à humanidade, para Zaratustra:

O homem é uma corda, estendida entre o animal e o super-homem – uma corda por sobre um abismo.
Um perigoso atravessar, um perigoso estar a caminho, um perigoso olhar para trás, um perigoso arrepiar-se e estacar.
O que é grandioso no homem é que ele seja uma ponte, e não um fim: o que pode ser amado no homem é que ele seja uma passagem e um acaso.
(NIETZSCHE, 2014, p. 30)

Essa definição do homem, proferida por Zaratustra algumas páginas antes é, literalmente, a situação em que se encontra o equilibrista. Ao se deparar com o palhaço, ele para. O palhaço avança, como um predador em direção ao equilibrista. “Que fazes aqui entre torres? Pertences à torre, deverias ser trancafiado, barras o caminho para alguém melhor que tu!” (NIETZSCHE, 2014, p.35). Ao proferir essa frase o palhaço salta sobre o equilibrista. Este, ao perceber que seu rival venceu,

enlouquece. Com a loucura, percebe também o seu fim. O equilibrista joga a sua vara e despenca no abismo que está abaixo de sua corda.

Essa situação pode ser considerada como uma interpretação do *Übermensch* perante a sociedade, pois ela é exatamente o que Zaratustra descreve sobre o *Übermensch* e o homem. A corda e o equilibrista sintetizam o lugar do homem e da sociedade. Avançando lentamente, equilibrando-se na corda, o homem tenta chegar ao outro lado, tenta chegar a outra plataforma, em segurança. Mas o homem não pertence à liberdade, ele deveria estar preso, na segurança da moral e religião, representadas pelas torres. E então temos o palhaço, o *Übermensch*. Ele que avança, sem se preocupar com a segurança, vive com intensidade, não se preocupa com o perigo de saltar por cima da corda. Passa por cima do homem. O ultrapassa e avança rindo sem se preocupar com a moral, a justiça, a religião. Ele está além do bem e do mal. Ele vive para si. Se antes o conceito estava confuso no discurso de Zaratustra, aqui a ideia e o conceito do que é o *Übermensch* fica mais claro para o leitor. A metáfora que ocorre no enredo da história torna a proposta mais clara.

O povo da cidade fica horrorizado com o surgimento do palhaço. Eles correm ao ver o equilibrista cair, mas Zaratustra não. Ele simplesmente observa, imóvel, o corpo que caiu ao seu lado, “todo estropiado e arrebatado, mas não morto” (NIETZSCHE, 2014, p. 36). Zaratustra então fala com ele. O equilibrista lamenta, diz que sabia que o palhaço lhe mataria algum dia, e agora será arrastado ao inferno por ele, ao passo que o filósofo responde que ele fique tranquilo “não existe nada disso de que falas: não há diabo e nem inferno. Tua alma morrerá ainda mais rápido do que teu corpo: não temas mais nada!” (NIETZSCHE, 2014, p. 36).

O equilibrista então, confrontado com a filosofia de Zaratustra, tranquiliza-se. Percebe que já não perde nada ao perder a vida, mas ainda se lamenta por ter vivido como se fosse um animal. Então o filósofo lhe responde que não há nada a se desprezar em sua vida. “Tu fizeste do perigo o teu ofício, não há nada a desprezar nisso. Agora sucumbes em teu ofício” (NIETZSCHE, 2014, p. 36). Ele morre feliz, satisfeito ao perceber que seu momento de glória foi o momento de seu fim. Ao mesmo tempo em que alcança o seu novo estado de superioridade, vê o seu próprio fim o alcançar.

2.5. Os diferentes exemplos de homens e *Übermensch*

É interessante notar que, ao longo de sua pequena jornada alegórica para explicar ao povo o que é o *Übermensch*, Zaratustra se depara com diferentes tipos de homens. Essas figuras podem ser vistas como tentativas de *Übermensch* que não são completamente bem-sucedidas. Todos eles têm aspectos do homem comum que não conseguiram abandonar.

Encontra-se primeiro com o velho santo, o homem que havia abandonado a cidade e a sociedade por acreditar que os homens eram criaturas impuras e inferiores. O velho acreditava ser superior por louvar a Deus em todos os momentos. Entretanto, apesar de ver o homem como a criatura inferior que é perante o *Übermensch*, o velho não conseguiu se libertar das amarras que o prendiam à sociedade, mais especificamente a da religião, que, segundo o filósofo, poda os homens de viverem como gostariam. O medo do diabo, do inferno e da morte limita os homens de viver, pois o seu senso de autopreservação os impede de ignorar a Deus para não ir ao inferno, enquanto não percebem que Deus está morto e já não há nada após a morte do corpo.

Zaratustra encontra depois o equilibrista. A própria plateia confunde o equilibrista com o *Übermensch* quando Zaratustra os falava pela primeira vez. “Já ouvimos o suficiente do funambulista; agora que o vejamos também!” (NIETZSCHE, 2014, p. 30). Achavam que Zaratustra o anunciava para o público. O equilibrista, embora seja uma alegoria da sociedade comum para o leitor, está um nível acima. Como Zaratustra diz, ele vive do perigo. Se preocupa com sua integridade, com sua vida. Entretanto, vive em constante perigo, pois aparentemente gosta de estar nessa situação. O equilibrista sente-se vivo ao atravessar a corda. E, enquanto o povo da cidade o considera louco, ou apenas um entretenimento passageiro, ele ainda assim atravessa a sua corda. O seu propósito auto imposto é esse, e ele não se importa com o pensamento ou os comentários da sociedade sobre ele.

Zaratustra encontra então o palhaço. Como já citado anteriormente, o palhaço é a representação perfeita do *Übermensch*. Ele avança por sobre o equilibrista, sobre o abismo e sobre a sociedade sem medo. Avança e não se preocupa com a morte ou com o conceito de ética. Ele não se importa se seu salto ou seu passo rápido irão matar o equilibrista, e não se importa se este morrerá ou se manterá o equilíbrio. Mata sem se importar, ri do perigo, vive sem se importar, e não demonstra medo do que pode acontecer se vier a morrer. Ultrapassa aqueles que são inferiores a ele. Ele se encaixa perfeitamente na descrição do *Übermensch* apresentada por Zaratustra.

E, por fim, embora Zaratustra não se encontre com ele mesmo, ele também é uma representação imperfeita do *Übermensch*. O filósofo abandonou a sociedade e por dez anos viveu sozinho. A humanidade com suas regras e morais eram coisas ausentes para ele. Ele não se importava com Deus ou com ética ou a justiça dos homens, pois ele não sentia necessidade daquilo. Muito menos necessidade de conforto ou de riqueza. Apenas viveu como quis e não se importou com os ditames, nem sequer ouviu o que foi dito sobre ele quando subiu ao topo da montanha. Entretanto, Zaratustra tinha um defeito que o impedia de ser um *Übermensch*. “Eu amo os homens” (NIETZSCHE, 2014, p.26). O *Übermensch* jamais desceria a montanha para dar um presente aos homens. Ele não se importaria em não ter um propósito para todo o conhecimento que ele colheu durante os dez anos em que viveu na montanha. O filósofo, diferente da personagem principal de sua teoria, precisava ter seu ocaso. Precisava partilhar o que aprendeu, porque precisava da sociedade para que sua visão fosse cumprida.

Eu amo aquele que vive para conhecer e que quer conhecer para que viva um dia o super-homem. E assim ele quer o seu ocaso.
Eu amo aquele que trabalha e inventa para construir a casa do super-homem e preparar para ele a terra, o animal e a planta: pois assim quer ele o seu ocaso. (NIETZSCHE, 2014, p. 31)

Zaratustra é aquele que ele diz que ama. Ele é um homem que vive exatamente para preparar o mundo para a vinda do *Übermensch*. Ele ama os homens e precisa avisar-lhes da possibilidade de evolução, enquanto o *Übermensch* não amaria os homens ou lhes avisaria de nada. O *Übermensch* saltaria ou pisaria por cima da humanidade e da sociedade. Ele representa tudo aquilo de que a sociedade tem medo. Zaratustra, entretanto, não causa medo. Ele talvez seja motivo de piadas, ou de pena, mas não lhes causa medo. Zaratustra não representa o fim da sociedade – é apenas seu arauto. O *Übermensch*, sim, traria fim ao modo de sociedade que o homem conhece.

3. Frank Miller e o Morcego de Gotham

Escrito em 1986, pouco mais de cem anos após Nietzsche ter escrito *Assim Falou Zarathustra*, Frank Miller publicou a *graphic novel* *Batman: O Cavaleiro das Trevas*. Dividida originalmente em quatro volumes, a obra foi considerada, pelos leitores e pela crítica especializada, totalmente inovadora e acabou virando um clássico na mitologia do Homem-Morcego. O enredo ocorre por volta de 20 anos no futuro do cânone do Batman. O Batman já não é visto pela sociedade há dez anos.

Por conta disso, diversos elementos da história não são os mesmos com os quais os fãs da época estavam acostumados. Por consequência, eles acabaram sendo apresentados a um lado do Batman que não conheciam até então. Dentre esses elementos há alguns particularmente dignos de menção, como a narrativa, a cidade de Gotham, o próprio Batman e o papel dos antagonistas da trama.

3.1. A narrativa

Dividido em dois tipos de instâncias narrativas, o enredo da obra se mostrou inovador para a época. Há uma narrativa que é feita por Bruce Wayne/Batman através de recordatórios, e outra que é feita por uma repórter através de um noticiário televisivo, que é assistido pela cidade fictícia. A obra começa com a predominância da narrativa da repórter, através do noticiário, em quadros que representam a tela de uma televisão. Em outras palavras, o leitor fica sabendo de alguns fatos da mesma maneira que os cidadãos de Gotham, que acompanham os acontecimentos da trama pelo noticiário. Tal recurso, ao mesmo tempo em que conta ao leitor os eventos da história, serve também para inseri-lo como parte da sociedade da obra e mostra como a mídia manipula os fatos antes de apresentá-los ao público.

Ao ser inserido nos meandros descritivos do funcionamento dessa sociedade, o leitor passa a entender os motivos do suposto desaparecimento dos super-heróis e vigilantes. Em outras palavras, o leitor consegue captar as diferenças da população desta versão de Gotham para aquela que era conhecida através da série regular do Batman. Ele consegue entender as mudanças pelas quais a população passou e o que ela aceita ou não agora.

A sociedade já não tem espaço para super-heróis, pois eles são considerados tão ameaçadores quanto os vilões que eles ajudam a derrotar. Essa mudança no

comportamento mostra como a mídia induziu a opinião pública. O noticiário mostra diversos entrevistados, que, em sua maioria são contra os vigilantes e a favor da reabilitação de vilões que estão presos. Existem também entrevistados que sentem falta dos bons tempos, em que super-heróis salvavam o dia, porém eles são a minoria na história.

A narrativa de Bruce Wayne/Batman, por outro lado, serve para contradizer a narrativa apresentada pela mídia. Discordando dos noticiários por diversas vezes, o protagonista da obra apresenta os seus motivos para desistir de suas atividades de vigilante, assim como as razões para retornar a elas. Em outras palavras, quando o protagonista narra a história, fica claro que a narração do noticiário não é confiável. Enquanto o leitor é inserido no enredo como parte da sociedade, através da narração midiática, a narração em primeira pessoa o arranca dessa posição e mostra como os eventos acontecem de fato na história e como eles são tratados e distorcidos pela mídia. Fica, portanto, muito claro que o protagonista não faz parte dessa sociedade. Batman narra o que ele vive nos momentos da história, quando o público geral não teria acesso pelas notícias. Tal narrativa serve para que o leitor consiga acompanhar e entenda as ações do protagonista em determinados momentos. De certa maneira, a narrativa feita pelo Batman torna possível o relacionamento do leitor com a personagem, ao mesmo tempo em que faz com que seus motivos se tornem claros e suas ações justificadas, embora reforce a ideia de que a personagem se isolou e não faz parte da sociedade.

É importante mencionar também que, à medida que o leitor avança na leitura da obra, é possível notar a mudança no balanceamento de narrativas. Se antes há a predominância da narrativa do noticiário, que insere o leitor na sociedade, a partir do terceiro volume a narração do Batman toma conta do enredo, e, conseqüentemente, o distanciamento do leitor com a população de Gotham também acontece. Ao final da narrativa a inserção do leitor na sociedade da *graphic novel* já está desfeita. Por consequência, a existência do Batman na sociedade já não é mais ameaçadora ao leitor, uma vez que ele entende porque a personagem faz o que faz. A cidade, por outro lado, ainda não está preparada para o Cavaleiro das Trevas.

3.2. A cidade de Gotham.

A cidade de Gotham é conhecida, nos quadrinhos, não apenas do Batman, mas também de outros personagens, como uma cidade perigosa e com alto índice de criminalidade. É por esse motivo que existem muitos vigilantes na cidade, como o Batman e o Robin, Batgirl, Capuz Vermelho, Oráculo e as Aves de Rapina, entre outros. A cidade é comumente representada em quadros escuros e à noite; entretanto, a primeira visão que o leitor tem da cidade no *Cavaleiro das Trevas* é durante o dia, em um grande quadro em tons quentes e amarelos. Essa imagem contrasta com o que se sabia da cidade e deixa claro ao leitor que aquela não é uma trama comum do Batman.

A cidade está passando por uma onda de crimes que só cresce, juntamente com uma onda de calor. Embora, como dito antes, no cânone do Batman, a cidade tenha um alto índice de criminalidade, na obra de Frank Miller, este índice alcançou níveis sem precedentes. A taxa crescente faz a pessoa se perguntar onde está o vigilante.

A cidade foi tomada por uma gangue autodenominada 'Os Mutantes'. Tal gangue não tem um objetivo específico além de mostrar que toda a cidade pertence a eles, enquanto espalham caos e comete assassinatos a sangue frio pelo simples prazer de matar. Fazendo ameaças à polícia, políticos e figuras públicas, eles deixam claro que não temem as autoridades nem as consequências de seus atos. O leitor então poderia se perguntar onde está o Batman em uma situação dessas.

É visto em seguida que o Batman desapareceu há 10 anos. E junto com ele todos os outros super-heróis e vigilantes. Ao longo da narrativa dos quatro volumes descobre-se que a sociedade se tornou intolerante em relação aos ditos super-heróis e vigilantes ao longo dos anos. O comissário James Gordon, agora com 70 anos de idade e prestes a se aposentar, é parte de uma minoria que acredita que o Batman fazia o que era certo.

Dentre as pessoas que acreditam que o vigilantismo não é uma alternativa para a cidade, há a policial Yindel. Essa personagem é a policial que substitui Gordon no posto de comissário quando este completa 70 anos e, por conta disso, é forçado a se aposentar. E se antes a cidade de Gotham confiava no Batman e em suas ações de vigilante – e tinha o comissário Gordon como seu porta-voz e contato com o herói encapuzado – agora já não há mais essa confiança, e a comissária Yindel também não quer manter relações com essa figura que é considerada criminoso. De acordo com a própria Yindel, as atividades que o Batman exercia antes de desaparecer, eram

tão criminosas quanto as ações daqueles que ele ajudava a capturar. Sendo assim, a nova comissária não apenas não quer manter nenhuma relação com o Cavaleiro das Trevas, como também sonha em prendê-lo, caso tenha a oportunidade.

Como dito antes, Yindel é a representante da sociedade na trama. Em outras palavras, o fato de ter sido nomeada para o cargo de comissária de polícia, sendo abertamente contra o vigilantismo, e tendo aceitação imediata pelo público, reforça aquilo que o leitor precisa saber sobre a obra desde o princípio: o mundo mudou, a sociedade também, e já não há mais espaço para heróis ou vigilantes. As pessoas querem que todos sejam cidadãos comuns, vivendo sob as leis e respeitando as regras de convivência social. Entretanto, não são esses os tipos de valores que o Batman corporifica.

3.3. O Batman

Na obra de Frank Miller, o Batman não se encaixa na sociedade. O leitor é apresentado a um Bruce Wayne envelhecido, com um bigode e descrito pela mídia como um clássico milionário excêntrico. Logo no primeiro quadro, vemos Bruce Wayne em um carro de corrida. O carro então explode, mas o milionário escapa ileso, embora diga em seu quadro de narração que aquela seria “uma boa morte” para ele (MILLER, 1987a, p. 4, quadro 15). O recordatório revela ao leitor que Bruce Wayne é, no início do enredo, uma personagem depressiva, que aparenta já não viver de maneira feliz. O milionário raramente sai de casa, se limitando a fazer poucas aparições públicas. Na maior parte do tempo, Wayne fica em sua mansão, afastado da cidade e, aparentemente, com as luzes apagadas.

Percebe-se então que Bruce Wayne vê o estado da cidade e não faz nada para acabar com isso. Algo o impede de ser o Batman e ele repete insistentemente – talvez para convencer a si mesmo, não aos outros – que é ótimo que o Batman já não exista mais. De acordo com ele, o Batman foi um erro e tudo que ele representou foram apenas ameaças à sociedade (MILLER, 1987a, p. 7, quadro 5).

Percebe-se, por fim, que a personagem está reprimindo seus instintos de justiça e sua vontade de vestir a máscara e a capa do morcego novamente. Em uma cena, Bruce Wayne caminha pela cidade e vai parar no mesmo local onde seus pais foram assassinados – uma área da cidade chamada Beco do Crime. Nesse local, ele começa a relembrar a noite de suas mortes, comparando o local no passado e no

presente, enfatizando como não houve muitas mudanças no cenário. Nesse momento, alguns membros da Gangue Mutante aparecem para tentar assaltá-lo, o que faz com que ele os compare ao assassino de seus pais. Enquanto relembra dos acontecimentos da noite da morte do casal Wayne, Bruce começa a surtar. Ele parece estar em uma batalha interna consigo mesmo, pois ele sabe como punir os assaltantes. A batalha contra seu instinto de atacar os jovens delinquentes, para dar-lhes a punição merecida (MILLER, 1987a, p. 7, quadro 8) faz com que os Mutantes se assustem e corram. Esse assalto, no entanto, causa no protagonista um surto. Ele percebe que o índice de violência de Gotham está alto. E com isso, o desejo do Batman de retornar começa.

O milionário, apesar de sua vida reclusa, e aparentemente depressiva e pacata, sente-se inquieto com a violência crescente que ele vê em sua cidade. Ele tem pesadelos à noite, e dores de cabeça ao longo do dia, ao mesmo tempo em que tem flashes de lembranças do tempo em que era o Batman. E então o leitor descobre um dos principais fatores que fazem com que a personagem se aposente de suas atividades de vigilante: Jason Todd, o segundo garoto a vestir o uniforme de Robin, foi morto em serviço. Após esse fato, Wayne abandonou sua capa. Entretanto, como um fantasma, o espectro do Morcego o assombra. É possível notar então que a *persona* Batman assombra o milionário. O antigo vigilante, no seu íntimo quer voltar à ativa e essa vontade é representada por um espectro em forma de morcego. Tal vontade faz com que Bruce Wayne caminhe sonambulando até a entrada da sua Bat-Caverna (MILLER, 1987a, p. 13, quadro 9).

Nos recordatórios, é possível distinguir uma voz, que vem da cabeça do próprio Bruce Wayne, dizer-lhe que a *persona* do Batman não pode ser contida. Ele vai sair, porque sabe que é isso que Wayne quer fazer. A violência na cidade não para e essa voz afirma a Wayne que o Batman é o único que pode acabar com isso tudo. E como se não bastasse, para completar o quadro, Wayne assiste a uma notícia que informa que Harvey Dent, o antigo vilão conhecido como Duas-Caras, devido ao fato de metade de seu rosto ser deformado por queimaduras, está prestes a ser liberado do Asilo Arkham após intenso tratamento psiquiátrico e cirurgias plásticas para reconstrução do seu rosto.

Todos esses fatos contribuem para o que foi iniciado no início da narrativa, durante a tentativa de assalto dos Mutantes sofrida por Wayne. A libertação de Harvey Dent acaba por se tornar o limite daquilo que a personagem poderia aguentar e, então,

Bruce Wayne mais uma vez veste o uniforme de Batman e sai à noite para acabar com o crime na cidade.

O que é válido notar, no entanto, é que, assim como a personagem está mais velho, ele também está mais violento. Em uma de suas primeiras aparições, para desarmar um bandido comum, Batman não hesita em desarmá-lo de uma maneira que o deixará aleijado, ao mesmo tempo em que deixa claro que “Ele é jovem! Com sorte, vai conseguir andar de novo!” (MILLER, 1987a, p. 33, quadro 7).

Como é possível perceber, a visão de Frank Miller altera o que se é conhecido sobre o Batman até então. Nas histórias regulares, Batman era visto como um herói. Ele não iria deliberadamente aleijar um adolescente a menos que fosse extremamente necessário. A escolha fica ainda mais impressionante ao levar em conta as opções de que a personagem dispunha na situação. “Há sete tipos de defesa nesta posição. Três delas desarmam com mínimo contato. Outras três matam. A restante... Aleija” (MILLER, 1987a, p. 33, quadro 4). Em outras palavras, se até o momento, o Batman prezava pela integridade física e pela vida, mesmo que sejam a de seus inimigos, agora não é mais isso o que acontece. Miller apresenta em *Batman – O Cavaleiro das Trevas* um Batman extremamente violento e sem qualquer apreço por aqueles a quem combate. Não apenas isso é diferente, como também muda sua relação com seus mais conhecidos ou mais perigosos inimigos. Por consequência, a sua relação com os antagonistas da trama também se dá de forma diferente.

3.4. Os Antagonistas

A *graphic novel* é dividida em quatro volumes. Cada volume apresenta um antagonista principal, cada qual com suas diferentes motivações e cada qual obriga Batman a se desenvolver e evoluir durante a história. De certo modo, a personagem precisa lidar com cada um de seus inimigos de maneira diversa, visto que cada um possui desejos e características diferentes.

3.4.1. Duas-Caras

No primeiro volume, o principal antagonista é Harvey Dent. No cânone do Homem-Morcego, Dent era, antigamente, um promissor promotor público de Gotham que, após sofrer um ataque durante um julgamento, teve metade de seu rosto

deformado. Tal fato ocasionou diversos traumas psicológicos para o promotor, que terminaram por resultar em distúrbios mentais. Dent desenvolveu um transtorno de dupla personalidade, e criou a *persona do Duas-Caras*, nome pelo qual o promotor passou a ser conhecido desde então. Dent acabou se tornando um vilão e famoso inimigo do Batman. Na *graphic novel* tratada neste trabalho, Dent está corrigido de seus defeitos físicos e, após anos de tratamento psiquiátrico, aparentemente curado de seus distúrbios mentais e dupla personalidade. Entretanto, não é isso que ocorre.

Dent, logo após voltar à liberdade, fica fora da cena pública e das páginas da história. Então, quando o leitor quase chega a esquecer da participação do ex-vilão na narrativa, começam a ocorrer crimes com características similares ao antigo *modus operandi* de Dent. A princípio não fica claro se Duas-Caras está realmente de volta à ativa, mas ainda assim Batman começa a investigar o caso.

É nessa etapa da história que o leitor percebe como a dinâmica do Batman está mudada. Além da extrema violência, já mencionada, o herói parece se mover de forma diferente, não apenas no texto, mas também nos quadros. Ele parece menos cuidadoso, menos cauteloso. Como exemplo, ele corre em uma corda, de um prédio a outro, enquanto os capangas de Duas-Caras atiram nele, sem se preocupar em ser atingido. Se antes o Batman era conhecido por suas estratégias e pelo fato de sempre ter um plano para todas as situações, aqui a personagem se mostra bastante impulsivo e espontâneo. Seu pensamento mais próximo de uma preocupação, no momento é apenas “essa seria uma morte perfeita” (MILLER, 1987a, p. 45, quadro 5).

Ao encontrar com Dent, Batman percebe a sua semelhança com o vilão (MILLER, 1987a, p. 49, quadro 7). O seu relacionamento com o rival não é mais o mesmo. Na página final do primeiro volume da *graphic novel*, Dent revela seus motivos. Ele revela ao vigilante que concordou em brincar. O mundo o aceitou e sorriu para ele, e ninguém vomitou ao ver o seu rosto. (MILLER, 1987a, p. 49, quadro 2). Entretanto, o que não está explícito em seu discurso é que ninguém perguntou se o vilão queria ser curado. O vilão, aparentemente já havia aceitado o seu papel de não ser algo comum, não ser aceito na sociedade e, então, a sua principal característica foi tirada dele. Ele pergunta “Olhe para mim! Ria também! O defeito foi corrigido! Os dois lados estão iguais! Vamos, Batman... Dê sua risada! Olhe pra mim! Olhe pra mim...” (MILLER, 1987a, p. 49, quadro 4-5). E ao perceber que o vilão não é tão diferente de si próprio, Batman lhe responde o que vê. O vigilante vê alguém com o rosto completamente deformado. Não literalmente, como dito antes, Dent teve suas

deformações corrigidas. Porém, internamente, ele ainda não faz parte da sociedade. O seu comportamento e suas ações o colocam como uma aberração para a sociedade. E o vilão faz o Batman perceber que ele também é um ser de fora da sociedade e que teve isso tirado dele por muito tempo. Batman lhe responde que vê “... um reflexo, Harvey! Só um reflexo” (MILLER, 1987a, p. 49, quadro 7-9). E assim o primeiro volume termina, com o protagonista e o antagonista abraçados nas sombras, dividindo a sua solidão e o seu status de intrusos na sociedade.

3.4.2. O líder da Gangue Mutante.

Sendo o principal antagonista do segundo volume da *graphic novel*, o líder da Gangue Mutante é uma personagem original, criado para essa narrativa exclusivamente. Como mencionado anteriormente, a Gangue Mutante é um dos principais grupos criminosos da cidade. Eles instauram o caos na cidade e não tem um objetivo específico além desse. Causar violência e tumultos pelo prazer de fazê-los.

Sendo o líder do grupo, o Líder da Gangue Mutante é um assassino sanguinário, que não se prende a nenhuma moral ou justiça nem se coloca no lugar do próximo. Ele, assim como o resto da gangue, porém em maior escala que os outros membros, gosta de mostrar seu poder e força através da violência. O Líder acredita ser o futuro da humanidade. Conforme suas próprias palavras:

A cidade não acredita em nós! Eles acham que somos cães que latem mas não mordem! Os desgraçados precisam sofrer muito e ver suas mulheres curradas para perceber... Que nós temos a força... A vontade... E que agora temos as armas! Gotham City pertence aos Mutantes! (MILLER, 1987b, p. 19, quadro 1).

Como é possível perceber, ele acredita ser o dono da cidade. De certo modo, ele acredita que é o futuro e que deve mostrar sua força para a sociedade. Dessa maneira ele conseguiria dominar a cidade e deixar claro sua superioridade².

² Importante mencionar, no entanto, que diferente da ideia nietzschiana de superioridade, o pensamento misógino do Líder Mutante não se aproxima em nada do conceito superior de Nietzsche. A punição que o Líder quer aplicar aos homens da cidade, para os padrões nietzschianos, seria aplicada diretamente a eles, e não às mulheres. Esse pensamento se dá, provavelmente por conta da cultura machista da sociedade norte-americana em que a Gangue Mutante está inserida e por seu desejo desesperado em provar que mandam na cidade.

A luta do Líder Mutante contra o Batman mostra ainda mais como ele não se prende a morais e regras. A luta entre os dois coloca o vigilante em seu limite, pois o outro é mais jovem, mais forte, está no ápice físico. Além disso, ele não hesita em morder e cravar suas garras no Homem-Morcego, também declarando que comeria o coração de Batman. Tal fato salienta ainda mais o nível de selvageria a que a personagem chegou. Batman percebe com a luta que o seu código moral só irá atrasá-lo, e a única maneira de vencer tal oponente é quebrando o seu próprio código. Em outras palavras, sua regra de não matar e lutar de forma honrosa não irá ajudá-lo a superar seus obstáculos.

Para que consiga vencer o líder mutante, Batman precisa estar pronto para matar o seu inimigo. E ele o faz. A luta entre os dois termina no momento em que Batman percebe o que tem que fazer. A dor que ele sente em seu corpo é agonizante, mas ele já não se importa. Ele finaliza o combate contra Líder Mutante e, com isso, reconhece o que ele se torna. A cidade mudou e o vigilante antigo já não consegue protegê-la. O que é necessário é um vigilante que está pronto para matar seus inimigos. A cidade e os vilões já não temem quem segue a moral e justiça. Eles reconhecem agora apenas a força bruta e violência.

Após o confronto, os Mutantes mudam de nome. Eles se tornam os Filhos do Batman. Esse novo grupo age independentemente e sem a aprovação do vigilante. E age não para espalhar o caos, mas para manter a cidade sob controle. Assim como Batman acabou com o Líder da Gangue Mutante, esse novo grupo acaba com os assaltantes e criminosos que atacam a cidade. Eles entendem que o Batman é o homem mais forte na cidade e, portanto, a sua vontade deve ser respeitada. Se o Morcego não quer crimes, os Filhos do Batman impedirão os crimes.

3.4.3. O Coringa.

O vilão mais famoso de toda a mitologia do Cavaleiro das Trevas aparece como o antagonista do terceiro volume da *graphic novel*. O Coringa sempre foi considerado o arqui-inimigo do Batman, de modo que as maiores histórias do Morcego sempre tiveram a participação do Príncipe Palhaço do Crime. Grande parte da química entre ambos ter sucesso é porque os dois personagens são lados opostos de uma mesma moeda.

Enquanto o Morcego representa a seriedade, a ordem, disciplina e é desenhado em cores escuras, o Coringa representa a insanidade, o caos, o riso ao mesmo tempo em que é desenhado em cores vibrantes. A dinâmica entre os dois personagens sempre beirou a selvageria, como se um ativasse os instintos do outro, tendo que se proteger e eliminar o perigo a todo custo.

É interessante ver, no entanto, que em *O Cavaleiro das Trevas* os dois se relacionam de forma um pouco diferente. Na primeira vez em que o leitor vê o Coringa ele está em um estado catatônico, tendo permanecido dessa maneira desde que o Batman desapareceu, dez anos antes. No entanto, no momento de sua primeira aparição, ele está assistindo televisão, no exato instante em que um noticiário reporta o retorno do Homem-Morcego.

O Coringa então volta a interagir com pessoas, e, curiosamente, não do seu jeito psicopata habitual. O Príncipe Palhaço do Crime de Gotham aparentemente estaria curado de sua psicose e gostaria de falar ao público sobre como o Batman é um homem terrível. O Morcego, por sua vez, impede crimes que, de acordo com ele, seriam planos do Coringa. E nesse momento o leitor pode perceber a maior diferença no relacionamento das personagens em comparação com sua dinâmica habitual na série regular do Homem-Morcego: aqui o Batman declara que mataria o Coringa, e se sente culpado por tê-lo deixado vivo após todos esses anos.

E ele não hesita. No momento em que o palhaço é solto, ele faz uma aparição em um programa de televisão, como convidado especial. Porém, ao invés de realmente estar regenerado e pronto para interagir com o mundo, o Coringa se revela como o mesmo psicopata de sempre. Ele libera gás venenoso no auditório, matando a plateia e as pessoas que estavam no palco. Após os ataques do Coringa começarem, Batman vai atrás dele com ódio. O desejo de matá-lo é claro do início ao fim da luta. O Homem-Morcego luta contra o Palhaço sem demonstrar nenhuma piedade. Os famosos batarangues, que antes possuíam os mais diversos efeitos para atordoar ou impossibilitar ações ofensivas dos inimigos, agora simples lâminas afiadas com as quais Batman acerta o olho do Coringa. O vigilante ainda lamenta porque o apetrecho não teria penetrado mais fundo no crânio do vilão.

A luta segue, com disparos de revólver e socos, até o momento em que Batman, enquanto é apunhalado pelo palhaço, quebra o pescoço do Coringa. Entretanto, ele para no último momento, deixando o vilão paralítico, mas, ainda vivo. E aqui vemos uma declaração do palhaço para o morcego. “Eu estou... muito

desapontado... com você, querido! O momento... era perfeito... e você não teve coragem” (MILLER, 1987c, p. 48, quadro 12). Embora o desejo do vilão pudesse não ser o de morrer pelas mãos do seu inimigo, parece que ainda assim ele estava preparado, talvez até ansioso pela sua morte. O seu desejo seria o de continuar com o mesmo jogo de gato e rato que ambos fizeram por anos, todavia, parece que o Palhaço não esperava a nova atitude sanguinária do Morcego.

Caso viesse a morrer, o vilão gostaria que fosse pelas mãos de seu antigo inimigo. Não apenas isso, o Coringa gostaria ainda que o povo ficasse contra o Batman por ele ser um assassino, como ele fala em seguida “Eles vão matar você por isto e ninguém nunca vai saber que você não teve coragem... Nos vemos... no inferno...” (MILLER, 1987c, p. 49, quadro 2-4). E assim o palhaço se contorce, terminando de quebrar o próprio pescoço enquanto ri. Ele alcança a sua morte e consegue fazer com que todos pensem que o Batman o matou. O Coringa alcançou a sua morte, porém, ela não significou, para o palhaço, a derrota.

3.4.4. Superman

No volume final da *graphic novel*, o super-herói mais famoso de todos os tempos chega como o antagonista principal. Na linha temporal da obra dez anos haviam se passado em relação à série regular da personagem. Uma das principais mudanças no contexto social da narrativa é que os heróis, vigilantes e super-humanos já não são mais aceitos e tidos como salvadores, o que os obriga a se afastarem de suas atividades heroicas. Cada herói tomou caminhos diferentes a partir de então. Conforme Superman fala, ainda no terceiro volume, a Mulher-Maravilha voltou para seu povo, Lanterna Verde foi para as estrelas e ele próprio, após permanecer no sigilo por algum tempo, foi contratado pelo governo dos Estados Unidos para agir em zonas de guerra e fazer serviços que soldados não conseguiriam, desde que anônima e sigilosamente (MILLER, 1987c, p. 18, quadro 1).

O mundo fictício estaria em guerra durante as ações narradas na obra, por exemplo, quando uma bomba nuclear russa é disparada, o governo ordena que o Superman pare o projétil ou o desvie de modo que não cause danos ou deixe feridos. Ele desvia a bomba para o deserto, porém a explosão emite um forte pulso eletromagnético que deixa Gotham completamente às escuras.

A escuridão, então, deixa a cidade em polvorosa, obrigando Batman a tentar manter o controle de tudo e evitar que o caos se espalhe. Entretanto, as pessoas estão com medo e agitadas, enquanto acham que o fim do mundo teria chegado. Elas formam facções e lutam entre si por controle de supermercados e comida.

O governo, no entanto, culpa o Batman pelo estado de emergência declarado na cidade e ordena que o Homem de Aço vá atrás dele. E é isso o que o Superman faz. Os dois se enfrentam em uma área de Gotham que foi evacuada pelo exército americano. A luta se inicia antes mesmo de Superman localizar Batman, pois seus aparelhos e armas são acionadas no momento em que o Homem de Aço começa a procurar por ele.

O peso de tal luta é um marco na mitologia do Batman, pois é sabido entre leitores que ele e Superman eram melhores amigos até então, apesar de suas diferenças. Aqui, no entanto, todas as diferenças são grandes demais para serem ignoradas. O Batman sempre foi considerado apenas um homem que quer fazer justiça na sua cidade. O Superman, por outro lado, é um homem com as habilidades de um deus. E ainda assim, o homem se coloca contra um deus, o dia contra a noite, o escoteiro azul contra o cavaleiro das trevas.

Ambos lutam com todas as suas forças e técnicas, e nesse momento o Batman diz ao Superman o que ambos se tornaram. Como dito, já passou da hora do Homem de Aço aprender o que é ser um homem (MILLER, 1987d, p. 40, quadro 11). Ele ainda afirma que Superman se tornou uma piada. Ele teria dado ao governo dos Estados Unidos aquilo que deveria ter sido dos vigilantes e heróis. Ele obedeceu às regras, exatamente como ele foi ensinado pelos seus pais adotivos. O Batman, no entanto, não obedeceu a tais regras e, por conta disso, se tornou um risco político (MILLER, 1987d, p. 42, quadro 3).

Durante a luta, Batman utiliza a energia da cidade inteira para alimentar uma armadura, que lhe daria condições de enfrentar o Superman. O Cavaleiro das Trevas sente raiva pelo Homem de Aço ter se submetido ao governo, exatamente como um bom homem, como os seus pais adotivos devem tê-lo ensinado. Os Wayne, entretanto, ensinaram ao Homem-Morcego, enquanto sangravam na rua, morrendo sem motivo, que mundo não faz sentido a menos que alguém o force a isso (MILLER, 1987d, p.42, quadro 6).

Superman percebe então que o coração do Batman estaria começando a falhar por conta do esforço da luta. É então que o Homem de Aço percebe que o Morcego

não tem intenção de sair com vida da luta. Ele pretende acabar com ambos ali. No entanto seu coração para antes do fim.

O confronto termina. Bruce Wayne é enterrado. E, logo após o fim da cerimônia, Clark Kent, a identidade secreta do Superman, ouve a batida de um coração. E então o leitor, junto com o Homem de Aço, percebe que a morte do Batman foi fingida. Bruce Wayne decide trabalhar no anonimato. “Eu estava contando que a nossa luta tivesse um forte impacto sobre Clark. (...) Ele vai me deixar em paz. Em troca, eu não ‘dou bandeira’” (MILLER, 1987d, p. 49, quadro 1). O vigilante desiste de ter uma vida de ação e convoca o grupo agora conhecido como Os Filhos do Batman para agir sob seu comando. E ele organiza seu pequeno exército para começar a sua nova vida.

4. A superioridade do Morcego.

O objetivo do presente trabalho é demonstrar como a ideia do *Übermensch*, apresentada por Nietzsche em *Assim Falou Zaratustra* em 1883, pode ser analisada através da *graphic novel* de Frank Miller *O Cavaleiro das Trevas* (1986). Para que isso ocorra, será feita uma leitura comparativa de diversos elementos presentes nas obras aqui trabalhadas, de modo a demonstrar como os conceitos de superioridade são tratados na narrativa da obra de Frank Miller. Se o filósofo apresenta a superioridade de maneira filosófica, Miller a trabalha de modo estético e físico nos quadrinhos.

Por se tratar de uma *graphic novel* e, segundo Cagnin, esse tipo de narrativa ser destacar pelo uso de imagens em conjunto com o texto para construir o enredo (1975, p. 24), as imagens também serão consideradas de modo a mostrar o grau de superioridade dos personagens da trama.

4.1. O homem comum na sociedade do Cavaleiro das Trevas.

Gotham não é cidade com a qual os leitores estavam acostumados na série regular do Batman. A cidade, embora tomada pela violência e altos índices de criminalidade, é semelhante à cidade de Vaca Colorida, à qual Zaratustra fala no prólogo da obra. Assim como o Batman adota a cidade de Gotham porque lá é o seu lar, Zaratustra deixa claro que ama a sua cidade na obra de Nietzsche (NIETZSCHE, 2014, p. 94). Não apenas isso, mas assim como Vaca Colorida rejeita a ideia do *Übermensch* apresentada pelo filósofo, Gotham, na *graphic novel*, vê a presença do Batman como uma ameaça à ordem local.

O homem, na obra de Nietzsche, é tido como uma criatura frágil e apenas uma ponte para se atingir o estado de superioridade representado pelo *Übermensch*. Em *O Cavaleiro das Trevas*, o homem comum não tem uma grande representatividade. É possível perceber que suas maiores ações se dão através dos repórteres que noticiam os acontecimentos da narrativa através de tele notícias, ao mesmo tempo em que comentam a história para o leitor ao mesmo tempo em que deixam clara a visão da sociedade sobre os eventos ocorridos no enredo.

Esse recurso narrativo, ao mesmo tempo em que mostra a inconsistência da sociedade – uma estrutura aparentemente frágil e sem poder para alterar aquilo que acontece a sua volta – também serve para inserir o leitor dentro dela. Dessa maneira,

ao transformar o leitor em parte da sociedade ao fazê-lo assistir, como parte da audiência, programas e entrevistas que comentam o cotidiano da cidade, é possível perceber que o homem comum na narrativa não é nada mais que um espectador, incapaz de fazer algo a respeito daquilo que acontece à sua volta, a não ser seguir acompanhando o noticiário para ver o que irá acontecer em seguida.

É válido notar que tais personagens, enquanto apagados do enredo por sua falta de ação, também não tem grande destaque gráfico. Homens e mulheres, quando não são reduzidos a meros balões de falas – produzidas por alguém que não aparece no quadro – ou a silhuetas negras, são representados de forma semelhante, com praticamente a mesma estrutura corporal e um padrão de cores neutras ou em tons pastéis, que não chamam a atenção quando o leitor os vê. Essa paleta de cores, assim como a redução da personagem a uma silhueta pode ser vista, por exemplo, quando Jim Gordon, ex-comissário de polícia, é retratado na seguinte figura.



O Cavaleiro das Trevas – volume 02 (MILLER, 1987b, p.4)

Todavia, conforme ocorrido na obra de Nietzsche, Zarathustra, deixa claro que o estado do homem, o homem comum, nada mais é que uma passagem até o estágio final, o estágio do *Übermensch* (NIETZSCHE, 2014, p. 30). E essa transição é percebida no decorrer da trama da *graphic novel*. A medida que as ações de Batman se desenvolvem, é possível perceber que tudo aquilo que limita o desenvolvimento do homem para seu estado superior – o governo, a lei, a moral, a religião – vão perdendo força para o povo. A evolução é sutil, devido ao fato de o homem comum não ter tanto destaque ao longo da narrativa. Porém, conforme o desenrolar da narrativa, os balões com o noticiário que contam ao leitor o que acontece no mundo já não aparecem com

tanta frequência. Enquanto no primeiro volume haviam páginas quase completamente tomadas pelo noticiário (MILLER, 1987, p. 10), no último volume – quando o Superman é atingido pela bomba atômica e o blecaute total se instaura em Gotham – tais quadros e balões já não aparecem mais (MILLER, 1987, p. 17)

É nesse momento que o homem toma controle da sociedade e que a população inteira chega o mais próximo possível de toda a narrativa de alcançar o seu estágio superior. Dado o início do blecaute, o esquema de cores dos cidadãos de Gotham muda levemente. Embora o tom neutro e apagado ainda predomine, eles agora estão um pouco mais saturados e vivos. Tal esquema de cores pode ser interpretado como uma consequência da sociedade. Com a falta da mídia e das comunicações políticas, a sociedade termina por se sabotar, e as pessoas se libertam dela. Tudo isso faz com que o leitor consiga distingui-los melhor nos quadros, como é possível observar na seguinte figura.



O Cavaleiro das Trevas – Volume 04 (MILLER, 1987d, p. 29)

Também é nesse momento que os cidadãos de Gotham deixam de se limitar pela moral e leis da sociedade e passam a agir fazendo o que acreditam ser melhor para si. Curiosamente, um cidadão, enquanto descreve o que fez durante o período caótico do blecaute total, diz que ao ver a arma no corpo de um policial morto resolve pegá-la. Um padre que também estava no local, porém, não acredita que seja uma boa ideia. O cidadão, então, pensando no que é melhor para ele próprio, soca o padre. A simbologia desse acontecimento é interessante, pois vai ao encontro da declaração de que Deus está morto, proferida por Zaratustra no início do prólogo da obra de Nietzsche, logo após se encontrar com o santo ancião. A cidade está mergulhada no caos. O importante para todos é sobreviver. Toda a lei, política, moral e religião que

regem a sociedade caem por terra nesse momento. O homem tomou a sociedade para si. Não há mais espaço para religião ou regras que possam atrapalhar os objetivos dos homens. O estágio de *Übermensch* quase é alcançado pela população nesse momento.

Após a restauração da energia e da ordem, porém, todos se dizem envergonhados daquilo que fizeram. “Não existe desculpa pro que fizemos! A gente virou um bando de animais egoístas!” (MILLER, 1987d, p. 31, quadro 4). O homem, após quase atingir tal estado, ainda assim, o rejeita. Se no momento do blecaute a vergonha e pudores foram deixados para trás, após ele, esses valores retornam e colocam a sociedade em seu estado inferior novamente. E a sociedade aceita essa vergonha e pudor pois sabe que sem eles, tal estado coloca em risco tudo aquilo que já foi construído. O homem escolhe se limitar pelas leis e pela moral da sociedade, escolhendo não atingir seu estado de *Übermensch*, mas sim, manter-se no mesmo estado em que se encontrava antes. Assim como na obra de Nietzsche, na obra de Miller a sociedade ainda rejeita o conceito de superioridade apresentado pelo filósofo, escolhendo ficar na sua condição de espectadora e viver sob as regras do Estado, da moral e dos costumes.

Com a restauração da energia elétrica, a sociedade perde sua propensão oportunística à rebeldia e as narrações vindas de repórteres e apresentadores de televisão voltam a aparecer. Tal fato acaba deixando os acontecimentos da história, novamente, nas mãos daqueles que não são simples cidadãos comuns. Assim como Zarathustra declara na obra de Nietzsche, aqueles que apenas leem e observam o mundo, não são ativos e não se destacam, portanto não escrevem e nem tem ações significativas no mundo (NIETZSCHE, 2014, p. 59).

4.2. Os diferentes graus de superioridade em *O Cavaleiro das Trevas*.

Enquanto o homem comum não tem muita participação na trama da obra de Frank Miller, os personagens que representam a superioridade nietzschiana, por outro lado, são os principais na construção do enredo. Esses personagens não fazem parte da sociedade comum. Eles representam aquilo que a sociedade não quer mais, aquilo que poderia significar o fim dela. Assim como Zarathustra compara o símio com o homem (NIETZSCHE, 2014, p. 28) – e o surgimento do homem trouxe o fim do *Homo erectus* – tais personagens podem ser vistos como uma nova etapa da sociedade, que

veria seu fim nas mãos deles. Eles corporificam esse próximo nível do homem, já liberto da moral e dos bons costumes, e por fim, da própria sociedade.

Cada um desses personagens incorpora diferentes aspectos do conceito de superioridade concebido por Zaratustra na obra de Nietzsche – sejam eles aspectos de personalidade ou icônicos – e representam o fim da igualdade entre os homens, livres para quebrar as leis e moral social, ponto descrito por Zaratustra que caracterizaria o *Übermensch*. Dentre esses personagens, cinco merecem destaque – Batman e os quatro antagonistas principais.

Em contraste com o homem comum, essas personagens são bastante diferentes entre si, com padrões de cores distintos, em tons mais vibrantes e estruturas corporais também diferentes, tanto entre elas quanto em relação à figura ‘padrão’ usada para os homens comuns (que não são apresentados como atléticos ou coloridos). Embora ainda sofram alguma padronização caso não sejam tão importantes na narrativa – vide a Gangue Mutante, por exemplo. Fortes, atléticos, coloridos, mas todos iguais – é possível distinguir que tais personagens não são apenas cidadãos comuns. A diferença entre eles parece aumentar de maneira gradual ao longo da narrativa.

Começando por Harvey Dent, o Duas-Caras, o vilão, em termos gráficos, não possui grande diferença do homem comum na sociedade, conforme mostra o seguinte quadro.



O Cavaleiro das Trevas – Volume 01 (MILLER, 1987a, p. 45, quadro 12)

Como é possível perceber na figura, Dent não passa de uma silhueta com o rosto enfaixado. Ele é retratado dessa maneira na maioria de suas aparições na obra.

Isso talvez ocorra pelo fato de ele ter sido mudado por essa sociedade, a fim de ser capaz de encaixar-se nela, como dito anteriormente. Entretanto, o rosto enfaixado o destaca de certa maneira. Ele não se deixa passar despercebido devido ao fato de suas bandagens brancas contrastarem com o tom escuro presente nos quadrinhos. As faixas ainda indicam que a personagem não se vê como parte da sociedade e, portanto, já não respeita as leis impostas por ela. Harvey Dent se coloca como o vilão que ele quer ser, que se exclui e se coloca para fora da sociedade, embora, paradoxalmente, tenha sido criado por ela.

Entretanto, sua participação é pequena e seu esquema é impedido pelo Batman, o que faz com que o vilão caia em um jogo entre os papéis de Nietzsche. Ao mesmo tempo em que Harvey Dent se coloca fora da sociedade, e, portanto, além do homem comum, ele tem como maior papel no enredo o de fazer possível o retorno do Homem-Morcego – o que não o transforma no *Übermensch*. Caso Dent não fosse libertado, Bruce Wayne não tornaria a vestir a máscara e a capa de morcego, o que resultaria no não acontecimento da obra. De certo modo, Duas-Caras realiza o papel ideal do homem para Zaratustra. O homem deveria preparar a Terra para vinda do *Übermensch* (NIETZSCHE, 2014, p. 31).

Já no segundo volume, o Líder Mutante tem uma participação maior e, conseqüentemente, mais destaque. Ele recebe cores mais saturadas, embora não sejam muito vibrantes. A sua estrutura corporal, também não o deixa passar despercebido – assim como as faixas faziam com Harvey Dent – como demonstrado na seguinte figura.



O Cavaleiro das Trevas – Volume 02 (MILLER, 1987b, p. 19, quadro 1)

Percebe-se na figura acima, que as roupas e acessórios do Líder Mutante o colocam em uma posição diferente da de um cidadão comum. Seu esquema de cores, embora não vibrante, também o destaca do restante das pessoas, que são representadas de forma monocromática. O vermelho na lente e o laranja na armação dos óculos que ele usa são bastante vivos, e a tocha que ele segura chama a atenção para ele no quadro. A sua participação na obra de Frank Miller pode ser vista como uma espécie de encarnação da primeira explicação do *Übermensch*, dada por Zaratustra para o povo de Vaca Colorida.

O Líder Mutante não possui motivação alguma além de causar o caos na cidade. Por viver dessa maneira, o Líder Mutante corresponde a primeira explicação dada por Zaratustra sobre o que deveria ser o *Übermensch*: aquele que questiona e ignora a moral, virtude e justiça dos homens, vivendo conforme a sua própria vontade (NIETZSCHE, 2014, p. 29).

É interessante notar, porém, que a medida que o enredo se desenvolve, principalmente na luta contra o Batman, o Líder Mutante vai perdendo seu destaque. A personagem passa a ter cores ainda menos carregadas, até o momento em que a única coisa que chama a atenção para ele são a sua estrutura corporal e seus dentes pontiagudos, que lhe dão um aspecto animalesco. Tal aspecto, aliado a seu corpo forte o colocam em um ponto superior da humanidade. Eles deixam claro a sua fidelidade para com a terra e a vida. Tendo Zaratustra dito que aqueles que valorizam a vida e terra, mas não tem medo de sacrificar-se por ela são os que mais tem chances de alcançar o *Übermensch* (NIETZSCHE, 2014, p 31), o Líder Mutante, claramente pode ser visto como tal personagem.

Com a sua derrota para uma personagem que está além dele em questão de superioridade, no entanto, a personagem perde o seu destaque, embora ainda se diferencie daqueles que são meros figurantes. Com isso, o Líder Mutante fica mais próximo de homens comuns. Tal fato é algo que não ocorre com o Coringa.

O Príncipe Palhaço do Crime é conhecido por ser uma personagem colorida, com uma paleta de cores vibrantes e chamativas. O que o destaca ainda mais na presente obra é o seu tamanho. Se antes o Coringa era conhecido como uma personagem franzina, embora forte, aqui a sua força física está bem evidente.



O Cavaleiro das Trevas – Volume 03 (MILLER, 1987c, p. 23, quadro 1).

Como é possível notar, o palhaço não pode mais ser considerado uma personagem magra. O seu corpo, assim como o do Líder Mutante, demonstra grande força física, e suas cores saturadas chamam a atenção para ele, de maneira ainda mais intensa que a diferenciação mais sutil do Líder Mutante em relação a seu entorno. A personagem contrasta com o restante do quadro em que está inserido.

A sua figura também pode ser comparada à figura do bufão que sai da torre para derrubar o equilibrista em *Assim Falou Zaratustra* (NIETZSCHE, 2014, p. 35). Assim como a figura da obra de Nietzsche, O Coringa avança sobre a cidade, espalhando o caos e violência só para sua diversão. Tendo em vista que Nietzsche, em *Humano Demasiado Humano*, descreve os bufões como criaturas “semi-rationais, espirituosos, exagerados, tolos, às vezes presentes tão-só para amenizar o *pathos* de um estado de espírito através de repentes” (NIETZSCHE, 2000, parágrafo 194), é possível traçar um paralelo entre as semelhanças de tal figura com a imagem do Coringa.

A participação do clássico vilão das histórias do Batman na obra de Frank Miller se assemelha ao avanço do palhaço por cima do equilibrista. Ele menospreza o equilibrista pois o considera seu inferior enquanto grita “Adiante, sua lesma (...) deverias ser trancafiado, barras o caminho para alguém melhor que tu!” (NIETZSCHE, 2014, p. 35), assim como o Coringa menospreza o povo de Gotham. O palhaço

acredita que toda a cidade serve para ele usar, enquanto ele se diverte com o Morcego.

O discurso do Coringa pouco antes de sua morte também o aproxima do palhaço da torre de Nietzsche. Assim como o palhaço diz a Zaratustra que o filósofo deveria ir embora, ou ele será morto, pois o povo da cidade o odeia e acredita que ele é o perigo da multidão (NIETZSCHE, 2014, p. 37), o Coringa diz ao Batman “Eles vão matar você por isto...” (MILLER, 1987c, p. 49, quadro 2), pois o Cavaleiro das Trevas é odiado pela sociedade. Para ele, o Batman personifica o perigo da multidão de Gotham.

E após dizer isso ao morcego a participação do Príncipe Palhaço do Crime de Gotham se encerra com sua morte. A sua morte, no entanto, o aproxima também do equilibrista que foi derrubado pela passagem do palhaço. O papel desempenhado por ele chegou ao fim, porém sua morte não lhe causa medo ou tristeza. Nesse momento, a sua figura se afasta do palhaço da torre de Zaratustra, e se aproxima do equilibrista. Assim como Zaratustra declara, a morte representa apenas o fim da vida. Não há nada a temer que venha depois dela (NIETZSCHE, 2014, p. 36). O fato de não temer a morte concederia, então, ao Coringa o grau de superioridade de que se fala. E, com isso, o Príncipe Palhaço do Crime morre rindo da própria morte. Ele não teria o que temer. Em outras palavras, enquanto a sua superioridade fica clara na narrativa – assim como o palhaço é superior ao equilibrista – a sua morte serve para limpar o caminho do Batman na narrativa – assim como a morte do equilibrista limpa o caminho para o avanço do palhaço e, metaforicamente, do *Übermensch*. O Morcego consegue então, ultrapassar sua última barreira moral ao matar o palhaço para atingir a sua superioridade. O que o impede ainda, no entanto, é a figura do Último Homem.

No quarto volume da obra, o antagonista não é nenhum vilão clássico do Homem-Morcego. Pelo contrário, o antagonista é considerado um dos seres superpoderosos mais famosos de todos os tempos. O Superman aparece na obra de Frank Miller para deter as ações violentas do protagonista. Tal fato, ao mesmo tempo em que é intrigante por colocar um herói contra o outro, ainda serve para realçar o quão inferior é a sociedade diante do Batman. Ela precisa colocar o mais poderoso no meio dela para ser capaz de pará-lo.

Assim como o Coringa, O Último Filho de Krypton é representado na obra por cores saturadas – ainda mais saturadas que as do palhaço – e por um corpo

musculoso que demonstra toda a sua força física, como é possível perceber na imagem seguinte.



O Cavaleiro das Trevas – Volume 03 (MILLER, 1987c, p. 28, quadro 1)

O conceito do Homem de Aço, na obra de Miller, ironicamente, pode ser comparado a figura do Último Homem na obra de Nietzsche. O último homem é aquele que é a perdição da terra. Em uma sociedade que é nivelada por baixo, o último homem é aquele que mantém a ordem e os valores dessa sociedade (MARTINS, 2009, p. 409), exatamente como o Superman faz na obra de Miller.

Zaratustra descreve o último homem como uma raça inextinguível (NIETZSCHE, 2014, p. 33). Não seria isso o povo de Krypton? Seriam extintos, mas, ainda assim, um se salvou. A Terra é pequena para eles, então eles saltitam (ou voam) e tudo se torna pequeno perante eles. Segundo Zaratustra, o último homem também tem a vida mais longa (NIETZSCHE, 2014, p. 33).

Percebe-se, então, que, enquanto o Batman envelheceu nos dez anos em que não esteve na ativa, o último filho de Krypton não demonstra nenhum sinal dos anos que passaram. Entretanto, apesar de não ter envelhecido, O Homem de Aço já não age de maneira pública, como fazia antigamente. A ideia do super-herói adorado pelo povo já não funciona mais. Superman não permite que as pessoas o vejam e apenas obedece a ordens diretas do governo dos Estados Unidos, sendo também reduzido ao status de lenda urbana.

Tal fato também é algo que é abominado por Zaratustra, pois o homem deveria seguir suas próprias regras para tornar-se o *Übermensch*, não admitindo que o Estado o regule ou limite. Quem obedece ao estado e acredita que isso é o ideal são as mais abomináveis criaturas da Terra, afinal:

O Estado é o mais frio de todos os monstros frios. Também mente com frieza; e esta mentira insinua-se de sua boa: 'Eu, o Estado, sou o povo' (NIETZSCHE, 2014, p. 67).

Logo, o Estado seria algo que o Último Homem seguiria. Se Zaratustra apresenta como o último homem aquele incapaz de se opor ao Estado, sociedade e suas leis, o Superman, na obra de Frank Miller, é exatamente isso. Em contrapartida, o protagonista da *graphic novel* se coloca no extremo oposto do Homem de Aço.

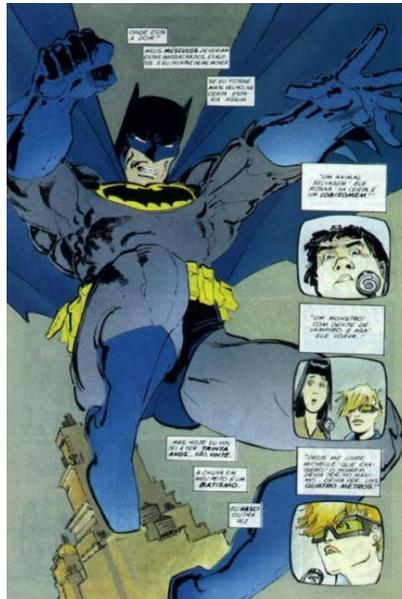
O Homem-Morcego, na obra de Frank Miller parece estar em uma constante busca para se tornar um *Übermensch*. A persona de Batman, em outras palavras. Entre os *alter egos*, Bruce Wayne não se mostra superior em nenhum sentido. Tal fato pode ser observado tanto pela representação gráfica de ambos, quanto através do texto.

Nos quadros, Bruce Wayne não é uma personagem que se destaque muito. Ele é desenhado de forma comum, cores neutras e um corpo grande, mas nada fora do normal.



Bruce Wayne – O Cavaleiro das Trevas – Volume 01 (MILLER, 1987a, p.6 quadro 9)

Porém, quando a capa e a máscara de morcego são colocadas, a personagem fica mais saturado em cores e parece quase dobrar de tamanho. Seus ombros, por exemplo, ficam tão largos que a personagem poderia ser confundida com um obeso, não fossem os músculos definidos aparentes pelo *spandex*, como é possível observar nas seguintes figuras.



O Cavaleiro das Trevas – Volume 01 (MILLER, 1987a, p. 28)

Através do texto, a persona do Batman fala com Bruce Wayne como se esse fosse um ser inferior. Se Zaratustra diz em seu discurso inicial “Que é o símio para o homem? Uma zombaria ou uma vergonha dolorosa. E isso, justamente, deve o homem ser para o super-homem: uma zombaria ou uma vergonha dolorosa” (NIETZSCHE, 2014, p. 28), Batman diz algo semelhante para Bruce Wayne.

Você é frágil... Você é pequeno... Você é menos do que nada... Um trapo que não pode me conter! Ardentemente, eu queimo sua pele... E assim brilho cada vez mais belo e feroz! Você não pode me deter... Nem mesmo com vinho... Ou com o peso da idade! Você não tem como me deter... (MILLER, 1987a, p. 19, quadro 2-8).

Tal pensamento apresenta, por consequência, um homem que despreza a si mesmo. Um homem que vive para que o *Übermensch* possa vir a existir. Esse homem também já não segue mais a moral e o Estado.

Em outras palavras, o Batman, na obra de Frank Miller, deixou de ser um herói que era adorado pelo povo, pois passou a agir contra as leis e moral desse povo. E, ao se tornar o risco para a sociedade, ele parte em uma caçada contra todos aqueles que o impedem de atingir seu grau de superioridade de alguma forma. Diferente de Zaratustra, o Homem-Morcego não apenas falou ao mundo o que o desenvolvimento filosófico do homem deveria ser. Ele fez o que esse novo tipo de homem idealizado por Zaratustra deveria fazer.

Tal qual Zaratustra desceu de sua caverna na montanha, assim fez Bruce Wayne, que torna a sair de sua caverna para voltar à ativa. Zaratustra ensinou ao povo o que era o *Übermensch* através de palavras. Batman ensinou através de suas ações e é nesse ponto que se dá as diferenças desses textos. Enquanto Zaratustra afirma não ser capaz de atingir o estado do *Übermensch*, por amar demais aos homens – e ensiná-los como alcançar a superioridade ao invés de ele mesmo alcançá-la – o Batman não dá nada aos homens. Ele não ensina. Ele faz o que Zaratustra diz que deveria ser feito, respeitando apenas a sua própria moral. Embora a sociedade o rejeite, o vigilante parece não se importar com o que será dito dele.

Se o filósofo desce a montanha por amor aos homens, o Batman faz o que faz por amor à sua vontade. Segundo Zaratustra, o *Übermensch* não se importaria com os homens ou a cidade, afinal, os homens seriam para ele “uma zombaria ou uma vergonha dolorosa” (NIETZSCHE, 2014, p. 28).

Quando o vigilante se vê finalmente liberto da moral da sociedade, do Estado e dos costumes, ele consegue atingir o grau do *Übermensch*, embora esse não seja um grau filosófico. Ele abdica de sua identidade social. A persona de Bruce Wayne morre para a sociedade – uma cena simbólica que novamente evidencia a morte do homem para o surgimento do *Übermensch*. Ao matar o seu *alter ego* civil, o Batman se livra de sua humanidade e se torna um ser superior ao homem.

A pró-atividade de Batman o torna superior ao próprio Zaratustra. Embora suas ações sejam de certa forma similares – assim como Zaratustra, ao fim do prólogo, decide que irá recrutar seguidores (NIETZSCHE, 2014, p. 41), para então recolher-se novamente a sua caverna no fim da obra (NIETZSCHE, 2014, p. 378), Batman também se recolhe à sua caverna – ainda existem diferenças entre elas no que se referem a atitude. Enquanto Zaratustra simplesmente se recolhe e deixa o mundo, o Batman comanda seus seguidores, agindo e colocando as rédeas do mundo nas mãos daqueles a quem elas deveriam pertencer: às pessoas e não ao governo. A

superioridade nietzschiana, de certo modo, é alcançada pelas asas do Morcego, por este ter se feito livre das limitações sociais. Ele então, pode agir livremente.

5. Considerações finais

O Batman, ao longo de seus diversos escritores, sempre teve uma característica de não ser apenas um homem comum, mas algo além dele. A aura de mistério que envolve a personagem e sua origem mórbida (o assassinato de seus pais), o torna uma personagem admirada por diversas pessoas nos dias atuais. A admiração pela personagem ainda cresceu com a obra de Miller, que mostra o Morcego com um pensamento nietzschiano de treinar e se superar enquanto homem, para ser algo mais. Quando o Cavaleiro das Trevas perde o primeiro combate contra o Líder Mutante, por exemplo. Após se recuperar dos ferimentos, a personagem se prepara – física e mentalmente – para uma nova batalha, treinando seu corpo e planejando uma estratégia que o permita vencer (MILLER, 1987b, p. 39). Tal pensamento pode ser visto também quando o Batman sente inveja do corpo do Líder Mutante, ao mencionar

(...) ele tem o tipo de corpo que eu gostaria que não tivesse... poderoso... sem volume exagerado e muito ágil. Cada músculo uma verdadeira mola pronta para explodir. Ele é jovem... no auge de sua forma... (MILLER, 1987b, p. 23).

A obsessão que a personagem apresenta mostra seus princípios nietzschianos de atingir a perfeição do corpo – conforme Zaratustra declara, se antes o maior pecado era o pecado contra a alma, o pecado contra o corpo é agora muito maior (NIETZSCHE, 2014, p. 29) –, não aceitando ser apenas um homem comum. Batman precisa ser algo mais. À medida que a *graphic novel* de Miller se desenvolve, é possível perceber um apagamento da identidade Bruce Wayne e um crescimento da identidade Batman, mesmo nos momentos em que a personagem se encontra sem a máscara. Tal fato demonstra o crescimento do vigilante em comparação com a sociedade, à medida que ele se desenvolve e se supera.

Para o Batman, como podemos constatar na obra aqui analisada, *Batman: O Cavaleiro das Trevas*, o mundo é um local perigoso e sem sentido. Não há porque se tomar cuidado nesse ambiente, como ele mesmo diz “(...) me mostraram que o mundo só faz sentido quando você o força a fazer” (MILLER, 1987d, p. 42, quadro 6). A fala da personagem confirma a ideia nietzschiana de que o mundo deve pertencer aos homens. Se o homem não toma o controle e impõe sentido sobre sua vida, ele apenas

existe. Tal pensamento confirma o desprezo pela moral cristã e pelo controle de Deus sobre o mundo e coloca o controle do mundo nas mãos da humanidade.

Levando em consideração a origem mórbida da *persona* de Batman – o assassinato dos pais de Bruce Wayne – é possível entender o motivo que leva a personagem a buscar ser superior. O Batman vê a sociedade como pequena e incapaz de tomar o controle do mundo para si. Isso se confirma ainda pelo fato de tal sociedade, ao acreditar nos poderes do Estado, se limitar. Isso pode ser constatado na obra aqui estudada pelo fato de Clark Kent, o Superman, o homem mais poderoso da Terra, se deixar controlar pelo governo (MILLER, 1987). Essa ideia ainda se confirma se for considerada outra obra de Frank Miller. *Batman: Ano Um*, publicada originalmente em 1987, na qual o vigilante se coloca claramente contra o sistema político e ataca um jantar onde os grandes nomes políticos da cidade de Gotham (corruptos) estão reunidos (2002, p. 38).

O presente trabalho defende que a teoria filosófica concebida por Nietzsche em *Assim Falou Zaratustra* pode vir a ser estudada em obras literárias contemporâneas que compõe a chamada cultura *pop*. Ao desenvolvê-lo, ficaram evidentes as semelhanças e também as diferenças da personagem Batman com a figura do *Übermensch* idealizada por Zaratustra. Também foram destacados os pontos que aproximam outros personagens do chamado Universo DC, como o Superman e o Coringa, com outras figuras importantes da obra de Nietzsche, como o último homem e o bufão da torre. A filosofia do *Übermensch* pode ser interpretada de diversas maneiras. Uma interpretação literal das falas de Zaratustra por volta da década de 40, por exemplo, resultou na formação do nazismo, embora esse pensamento fosse repudiado por Nietzsche (FILHO, 2015, p. 210). Este estudo levanta o questionamento de por que uma obra, escrita no século XIX, ainda se faz atual no ano de 1986 e, levando em consideração o sucesso de *Batman: O Cavaleiro das Trevas*, nos dias de hoje, ainda se faz atual no século XXI.

Ao aplicar essa ideia filosófica em um tipo de mídia contemporâneo e popular, é possível compreender também como o desenvolvimento das personagens se dá de acordo com a sociedade. Com o desenvolvimento da sociedade, a representação dela pela arte também se desenvolve. Diferente dos modelos de heróis que permearam a humanidade por muito tempo, como Hércules, Aquiles, deuses gregos, etc. as obras de Nietzsche e de Frank Miller, fazem o oposto e colocam a superioridade nas mãos dos homens, ao questionarem a configuração política e social do seu mundo, aqueles

a quem, segundo Nietzsche, a terra deveria pertencer, mas não o fazem por diversos motivos.

É possível, portanto, traçar um paralelo entre as maneiras como ambos os autores tratam a superioridade dos homens. Embora Nietzsche e Miller façam isso de maneira distinta – o primeiro de modo filosófico e erudito enquanto o segundo o faz de maneira estética e física –, a intenção política de ambos pode ser vista de maneira bastante semelhante. Tanto Zaratustra quanto o Batman aparentemente têm por objetivo fazer com que a sociedade se liberte de toda a sua corrupção e suas falsas morais as quais foram induzidas pelo governo, leis e religião.

Referências

CAGNIN, Antônio Luiz. **Os Quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Editora Pensamento, 1997.

FILHO, Evaristo de Moraes. O centenário de Nietzsche e o nazismo. **Cad. Nietzsche**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 201 – 211, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cniet/v36n1/2316-8242-cniet-36-01-00201.pdf>> Acessado em 14 de dezembro de 2017.

LANDIM, Robione Antônio. O Sentido do Anúncio da Morte de Deus para pensar a Crítica Nietzscheana ao Cristianismo. In: Congresso da ANPTECRE “Religião, Direitos Humanos e Laicidade”. Curitiba, 2015. **Anais do Congresso ANPTECRE, v. 05**, Curitiba: PUC-PR, 2015. Disponível em: <www2.pucpr.br/reol/index.php/5anptecre?dd99=pdf&dd1=15486> Acessado em 26 de novembro de 2017.

MARTINS, Lucas dos Reis. O Último Homem e as Massas Contemporâneas: de Nietzsche a Sloterdijk. In: V Seminário de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar. Florianópolis, 2009. **Anais...** Florianópolis: UNISCar, 2009. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~sempgfil/wp-content/uploads/2012/05/Lucas-dos-Reis-Martins-O-%C3%BAltimo-homem-e-as-massas-contempor%C3%A2neas-de-Nietzsche-a-Sloterdijk.pdf>> Acessado em 18 de dezembro de 2017.

MEGGS, Dylan Fort. **Why not rule the world? Nietzsche, the Ubermensch, and Contemporary superheroes**. University of Tennessee, 2009. Disponível em: <http://trace.tennessee.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2296&context=utk_chanhono_proj> Acessado em 15 de agosto de 2017.

MILLER, Frank. **Batman: Ano Um – Volume 02**. Tradução de Jotapê Martins e Helcio de Carvalho. São Paulo: Panini, 2002.

_____. **Batman: O Cavaleiro das Trevas – Volume 01.** Tradução de João Paulo L. B. Martins. São Paulo: Abril, 1987.

_____. **Batman: O Cavaleiro das Trevas – Volume 02.** Tradução de João Paulo L. B. Martins. São Paulo: Abril, 1987.

_____. **Batman: O Cavaleiro das Trevas – Volume 03.** Tradução de João Paulo L. B. Martins. São Paulo: Abril, 1987.

_____. **Batman: O Cavaleiro das Trevas – Volume 04.** Tradução de João Paulo L. B. Martins. São Paulo: Abril, 1987.

NIETZSCHE, Friederich. **Assim Falou Zaratustra.** Tradução de Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2014.

_____. **Humano, Demasiado Humano.** Tradução de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2000.

REYNOLDS, Richard. **Superheroes – A Modern Mythology.** Jackson: University Press of Mississippi, 1994.